

## **ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS INDÍGENAS BRASILEIROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA**

C.C. Dias\*

*Universidade Federal Fluminense;*

*\*cdias@id.uff.br*

### **Resumo**

O artigo elaborado analisou como está inserida a temática relacionada à questão indígena no Brasil nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental e Médio. Para isso, utilizamos os livros adotados pelo Liceu de Humanidades de Campos, Colégio Estadual localizado no município de Campos dos Goytacazes/RJ.

**Palavras-chave:** População Indígena, Livro Didático, História

### **1. Introdução**

O livro didático é um objeto que está inserido dentro da dinâmica da sociedade capitalista no qual vivemos. Segundo MUNAKATA (2012), o livro didático “como valor de uso, satisfaz as necessidades de certa expectativa dita educacional, mas, para realizar a satisfação dessas necessidades, subordina-se ao valor de troca e às suas determinações”. (MUNAKATA, 2012, p. 51).

A partir dessa concepção, analisamos como a temática indígena é abordada nos livros didáticos de história. Em sua análise sobre as sociedades indígenas nos livros didáticos brasileiros, GRUPIONI (1995) adverte que “os manuais didáticos usados na escola ajudam a formar uma visão equivocada e distorcida sobre os grupos indígenas brasileiros”. (GRUPIONI, 1995, p. 482).

### **2. Materiais e Métodos**

#### **2.1. Materiais**

Para a nossa análise utilizamos os livros didáticos de História adotados no ano de 2018 pelo Liceu de Humanidades de Campos (LHC), Colégio Estadual localizado na cidade de Campos dos Goytacazes. Os livros utilizados foram os da Coleção “História, Sociedade e Cidadania, utilizados no Ensino Fundamental (6º e 7º ano) e os da Coleção “História Global”, utilizados no Ensino Médio (1º e 2º ano).

#### **2.2. Metodologia**

O Metodologia do trabalho consistiu em uma análise de livros didáticos de história em busca de informações sobre a temática indígena e informações gerais sobre o livro.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 Livro da Coleção História, Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior de 2015 (6º Ano)**



A Iconografia do livro ficou sob a supervisão de Célia Rosa e as Ilustrações e Cartografia à cargo da Ilustra Cartoon, Mozart Couto, Luís Rubio, Osnei, Pelicano, Rmatias, Alexandre Bueno, Allmaps e Renato Bassani.

As populações indígenas brasileiras são apresentadas no capítulo 5, “Os indígenas: diferenças e semelhanças”, no item “Povos indígenas no Brasil”, que corresponde a 6 do total de 320 páginas do livro, portanto, 2% do total do livro. No item, podemos encontrar duas fotos que contrapõem uma população indígena que vive em áreas de preservação (foto de autoria de Renato Soares/Pulsar) e uma população indígena que vive na cidade (foto de autoria de José Cruz/ABr). Temos também uma foto (de autoria de Edson Sato/Pulsar) de um indígena da etnia yanomami em Santa Isabel do Rio Negro (AM), no ano de 2011, e uma foto de um líder indígena da etnia paresi (de autoria de Mario Friedlander) durante a 12ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas (MT), no ano de 2013. Essas fotos têm como objetivo a análise, por parte do aluno, das diferenças dos traços físicos e dos adornos utilizados pelas diferentes etnias. As outras cinco fotos presentes no item são referentes ao dia-a-dia das populações indígenas brasileiras: uma foto de um indígena sateré-mawé tecendo cestos em Manaus/AM (foto de autoria de Fábio Colombini), uma foto de um indígena idoso contando histórias para crianças guaranis em Pariquera-Açu/SP (foto de autoria de Renato Soares/Pulsar), uma foto de crianças yanomamis brincando com um mutum de estimação na Comunidade Toototobí/AM (foto de autoria de Edson Sato/Pulsar), uma foto de um jovem da etnia xavante com um colhereiro de estimação em General Carneiro/MT (foto de autoria de Renato Soares/Pulsar) e uma foto de um Cacique preparado para um ritual na Aldeia do Xingu em Querência/MT (foto de autoria de Palê Zuppani/Pulsar).

Na obra são encontradas citações de SILVA (1998) sobre as populações indígenas e podemos encontrar também um quadro de TEXEIRA (1998) que discrimina as etnias indígenas e as línguas utilizadas por essas.

Alfredo Boulos Júnior começa o seu texto falando da chegada do português ao Brasil e afirmando que nesse período a população indígena era de 3 a 5 milhões de pessoas (p. 95), entretanto não cita a fonte dessa informação. O autor frisa que apesar de contribuição indígena para a história e cultura brasileira, sabemos muito pouco sobre essa população (p. 96). O autor destaca as semelhanças e as diferenças entre os povos indígenas brasileiros. As diferenças consistem nos traços físicos e nas línguas faladas pelas diferentes etnias (p. 96). Já entre as semelhanças estão a divisão do trabalho e o conceito de propriedade da terra (p. 97). O autor finaliza o capítulo trazendo citações de SILVA (1998) sobre a infância, adolescência e fase adulta dos povos indígenas.

Apesar da brevidade, o texto pode ser encarado como bom ao informar sobre as populações indígenas para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Não obstante, não podemos deixar de criticar algumas generalizações realizadas e a falta de algumas fontes para determinadas afirmações.

### 3.2 Livro da Coleção História, Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior de 2015 (7º Ano)

Sobre os indígenas apresentados no livro, são encontrados de início a partir do capítulo 11, "América: Astecas, Maias, Incas e Tupis", no subtítulo "Os Tupis". São 5 páginas inicialmente falando sobre eles e depois mais 4 no capítulo 13, "Colonização Portuguesa: Administração" nos subtítulos, "Expedições, Feitorias e Pau-Brasil" e "A

Colonização". No total de 9 páginas de 315 páginas do livro, portanto 3% do livro. Nessas páginas, encontramos fotos de indígenas crianças tomando banho no rio, um mapa de um atlas de 1542 do francês Jean Rotz, uma ilustração com pajés Tupinambás dançando durante o ritual para cura e fotos de adornos urubu-caapores (etnia residente do estado do Maranhão), produzidos pelos mesmos.

O autor inicia este item falando sobre os Tupis e a chegada dos portugueses, afirmando que esses indígenas tinham uma origem comum e que falavam a mesma língua. Só depois que começaram a deslocar-se, que isso foi se perdendo. Cita também autores como Hans Staden, André Pereira e Adriana Torres. É um texto bem explicativo, simples e direto, apontando fatos e curiosidades.

### **3.3 Livro da Coleção História Global de Gilberto Cotrim de 2016 (1º Ano)**

Destacamos que a Iconografia do livro ficou sob a supervisão de Sílvio Kligin e a Cartografia a cargo de Selma Caparroz e Sidnei Moura.

As populações indígenas brasileiras são apresentadas no capítulo 16, "Povos da América", no item "Tupis: Agricultores Habilidosos", que corresponde a 3 do total de 272 páginas do livro, portanto, 1% do total do livro. No item podemos encontrar uma foto de uma tigela de cerâmica tupi do acervo do Museu do Santuário Nacional (foto feita por Fábio Colombini). Encontraremos também, um mapa com a distribuição dos indígenas no Brasil no século XVI (de autoria de Manoel Albuquerque). Além disso, encontramos uma citação de MELATTI (1993) sobre a diversidade das populações indígenas.

Gilberto Cotrim começa o seu texto falando do encontro dos portugueses com os índios Tupis no Brasil (p. 224). A partir daí ele traz algumas informações que corroboram a sua afirmação de que os tupis eram agricultores habilidosos (p. 225), essas informações, entretanto carecem de fontes. Por último, o autor apresenta um texto de MELATTI (1993) sobre as diferenças entre as etnias indígenas brasileiras. Segundo o texto, apesar das generalizações feitas desde a chegada do português, as diferenças são observadas principalmente em três pontos: em termos biológicos, em termos linguísticos e em relação aos costumes.

O texto é bastante conciso ao tratar das populações indígenas brasileiras, tratando prioritariamente do grupo Tupi. Destacamos também, a falta de fontes para determinadas afirmações.

### **3.4 Livro da Coleção História Global de Gilberto Cotrim de 2016 (2º Ano)**

Os indígenas são apresentados logo no primeiro capítulo do livro, Mercantilismo e Colonização a partir do item Escravização dos indígenas. Gilberto Cotrim dá início ao texto falando do relacionamento conturbado dos índios com os portugueses e da resistência nativa à colonização (p.16). Durante os 3 próximos parágrafos o autor fala que a escravização nativa se firmou na década de 1530, principalmente para a produção açucareira. Já no século XVII a escravização passou a ser utilizada para o cultivo de milho, feijão, arroz, mandioca, na extração das "drogas do sertão" (guaraná, cravo, castanha, baunilha, plantas aromáticas e medicinais) em estados como São Paulo, Pará, Maranhão, entre outros. Em São Paulo essa mão de obra foi utilizada também para transportar mercadorias para Santos (p.16).



No item podemos encontrar uma foto do fruto do Guaraná e o seguinte trecho: “Cacho de guaraná na cidade de Camamu, Bahia. Foram os indígenas Sateré-Mawé que, há mais de 500 anos, domesticaram a planta do guaraná, cujo nome científico é *Paullinia Cupana*. Esse povo, que vive no atual Amazonas, possibilitou que o guaraná, fosse conhecido e consumido no mundo inteiro.”

O autor inicia outro item chamado "Guerra justa". Nele é exposto que apesar do Governo Português defender a liberdade indígena, os colonos solicitaram inúmeras "guerras justas" para conseguir escravos dentre os povos nativos, assim era chamada a batalha contra os indígenas, com aval do Governo Português. O autor segue relatando que a "Guerra justa" eram permitidas quando os indígenas não tivessem se convertido ao cristianismo ou quando eram considerados hostis. Entretanto, havia o costume de burlar essas normas alegando ataques ou ameaças indígenas. O autor relata as sequenciais guerras no século XVI contra os indígenas das tribos caetés, tupinambás, carijós, tupiniquins, guaranis, tabajaras e potiguaras; que permitiram a conquista das regiões litorâneas pelos europeus (p.17).

O texto finaliza o capítulo com uma gravura de Thomas Marie Hippolyte Taunay e Ferdinand-Jean Denis, de 1822, representando um ritual dos povos Tupinambás.

#### **4. Conclusões**

Apesar do perceptível cuidado dos autores, ao abordar a temática indígena, em muito dos casos, podemos encontrar algumas generalizações. A guisa de exemplo, a etnia tupi (que foi aquela que os portugueses mais tiveram contato, quando aqui chegaram) pareceu ser tratada como a exemplificação da população indígena brasileira em uma das obras, quando na verdade, essa é só uma das muitas etnias que podemos encontrar no País. Destacamos a carência de fontes em muitas das afirmações realizadas pelos autores e acreditamos que uma discussão mais consistente com outros pesquisadores que tratam da temática indígena no Brasil seria enriquecedora para os textos analisados.

Ademais, frisamos algumas carências de nossa pesquisa, como a necessidade de fazer uma investigação utilizando-se de mais obras empregadas no Ensino fundamental e Médio no Brasil. Portanto, deixamos aberta a possibilidade de fazer-se isso em pesquisas futuras.

#### **Referências**

GRUPIONI, L. D. B. Livros Didáticos e Fontes de Informações sobre as Sociedades Indígenas no Brasil. A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus. 1º ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995, p. 481-493.

MUNAKATA, K. O Livro Didático como Mercadoria. Pro-Posições. v. 23, nº. 3, Set./Dez, 2012, p. 51-66.

SILVA, A. C. L. F. Alguns apontamentos acerca dos germanos nos livros didáticos de História no Brasil. Mirabilia 4, 2004, p. 63-81.